



Centro Universitário de Brasília

Faculdade de Ciências da Saúde

## Estudo Sobre Perfil do Público Visitante do Parque Ecológico Olhos D'Água

Liana David Macedo

Brasília – 2003

Centro Universitário de Brasília  
Faculdade de Ciências e Saúde  
Bacharelado em Ciências Biológicas

## Estudo Sobre o Perfil do Público Visitante do Parque Olhos D'Água

Liana David Macedo

Monografia apresentada como  
requisito para a conclusão do curso  
de Biologia do Centro Universitário  
de Brasília

Orientação: Prof Marcelo Ximenes A. Bizerril (FACS-UniCEUB)  
Prof Claudio Henrique Cerri e Silva (FACS-UniCEUB)

Brasília – 1º semestre/2003

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos os amigos e familiares que contribuíram para minha formação e, principalmente, a algumas pessoas que tiveram participação direta nesse período da minha vida.

Aos meus pais, Núbia e Moacir (*in memoriam*), pelo amor, pelo incentivo aos estudos, pelo patrocínio e, especialmente, pela força quando optei pelo curso;

Ào meu guru Wly, pelas diferentes experiências vividas, pelos ensinamentos e pelas primeiras oportunidades de contato com a pesquisa;

À Renata Bahia, minha “irmã”, que foi minha família durante os anos que eu estudei fora de Brasília e me fez perceber a riqueza da convivência. Obrigado também pelas correções no texto.

Ao meu irmão querido pelo carinho, atenção e pelos palpites na linguagem utilizada no trabalho.

Ao meu companheiro, Fernando, e minha filha, Catarina, pelos momentos de felicidade nunca experimentados antes e pela alegria de estarem iniciando uma nova família para mim.

Aos meus “novos pais”, Márcia e Ivan, pelo carinho, atenção e momentos de descontração nos lanches de domingo.

Às colegas de trabalho, Odara Kaká, Andréia Marisa, Adriana Helena e Ana Kelly, pelas divertidas tardes e pela ajuda durante minha ausência para o término do manuscrito.

À minha “chefe”, Zilda Veloso, pela atenção, carinho, experiência e ensinamentos que me foram despendidos durante o meu último ano de curso. Obrigado também pela compreensão e flexibilidade de horário que me possibilitou a coleta de dados.

Ao meu orientador, Marcelo, pela força, experiência, auto estima, sugestões, opiniões e, especialmente, atenção durante o desenvolvimento do trabalho.

Ao Cláudio, pela orientação e opiniões no trabalho, pelas interessantes aulas e pela amizade.

À Isabelle, Marinão e Aline pela amizade e companhia dentro e fora da instituição.

À Bethinha, um especial obrigada pelo carinho e amizade, e todos os outros professores e colegas que não foram enunciados mas participaram da minha formação, o meu muitíssimo obrigado!

## **Resumo**

O aumento da atividade turística em ambientes naturais pode trazer impactos de natureza física, biológica e social influenciando na satisfação do próprio visitante. Portanto, é necessário que o turismo em áreas naturais esteja baseado em sistemas sustentáveis. Nesse sentido, este trabalho procurou aplicar o uso de avaliações para o conhecimento do público visitante do Parque Ecológico Olhos D'Água visto que, é de fundamental importância a participação da população na proteção dos recursos naturais. Foram aplicados 200 questionários que procuraram identificar o perfil do visitante, as preferências e o conhecimento dele com relação à fauna e flora do local e, ainda, quais suas opiniões e sugestões para melhoria do parque e do atendimento ao público. Os resultados demonstraram que o parque é freqüentado por pessoas de todas as idades, desde crianças a idosos, com um alto nível de escolaridade e consciência ecológica. A maioria reside principalmente na Asa Norte e utiliza-se da área para praticar alguma atividade física. Muitos têm conhecimento das funções do parque e fizeram sugestões que demonstraram zelo e preocupação com a preservação. A metodologia empregada no trabalho foi barata, eficaz e prática podendo servir de ferramenta para estudos futuros em outros parques de uso múltiplo ou urbanos.

**Palavras-chaves:** Parque Olhos D'Água; educação ambiental não formal; percepção ambiental; unidades de conservação; gestão participativa.

## Sumário

1. Introdução.....	1
1.1. As unidades de conservação e sua importância.....	1
1.2. Unidades de conservação do Distrito Federal.....	3
1.3. A educação ambiental e sua importância.....	4
2. Objetivos.....	6
3. Metodologia.....	6
3.1. Área de estudo.....	6
3.2. Procedimento.....	9
4. Resultados.....	10
4.1. Perfil do visitante.....	10
4.2. Preferências e conhecimento dos visitantes.....	13
4.3. Opinião e sugestão.....	19
5. Discussão.....	22
6. Considerações finais.....	25
7. Referências Bibliográficas.....	26
8. Anexos.....	29
8.1. Mapa Ilustrativo do parque.....	29
8.2. Questionário.....	30

## **1. Introdução**

### **1.1. As Unidades de Conservação e sua importância**

A crescente ocupação humana e o conseqüente aumento do impacto de suas atividades importam numa grande degradação em ambientes naturais e prejuízo para a biodiversidade.

O estabelecimento de áreas protegidas constitui uma das mais eficazes estratégias para conservação biológica, porque além de preservar *in situ* a biodiversidade e acumular o capital ambiental para o futuro, elas contribuem diretamente para a melhoria da qualidade de vida, ao proporcionar uma ampla rede de serviços ambientais em benefício da sociedade. Entretanto, para que o estabelecimento dessas áreas alcance seus objetivos, as unidades de conservação devem preservar amostras significativas e representativas da diversidade de espécies e de paisagens (MMA 2002).

As unidades de conservação ou áreas protegidas são definidas pela “Comissão de Áreas Protegidas da União Internacional para a Conservação da Natureza” (UICN), como sendo *“uma área de terra ou mar especialmente dedicada à proteção e manutenção da diversidade biológica, e de recursos naturais e culturais associados e manejados por instrumentos legais ou outros meios efetivos (Gastal 2002).”*

Essas áreas são destinadas a diversos fins como: pesquisa científica; proteção da vida selvagem; proteção de recursos hídricos; conservação de espécies e ecossistemas; manutenção do equilíbrio climático e ecológico; manutenção de serviços ambientais; proteção de determinados aspectos culturais; turismo e lazer; educação; ou uso sustentável de ecossistemas.

As primeiras áreas protegidas modernas, como o Parque de Yellowstone nos Estados Unidos, foram criadas devido as suas belezas cênicas, mas com o passar do tempo o conceito de área protegida mudou e passou a atingir objetivos mais amplos, visto que outras paisagens consideradas menos belas eram também muito importantes para manutenção dos ecossistemas. A partir daí, visando apresentar um planejamento para criação das áreas protegidas, em 19 de julho de 2000, a Lei Federal 9985 criou o “Sistema Nacional de Unidades de

Conservação” (SNUC) que enquadra as unidades de conservação brasileiras em duas categorias, no que diz respeito às formas de manejo (Lima 2002):

- Unidades de Proteção Integral que têm como objetivo básico preservar a natureza, sendo proibida a exploração direta dos recursos naturais, e estão sendo classificadas em: Estações Ecológicas, Reservas Biológicas, Parques Nacionais, Monumentos Naturais e Refúgios de Vida Silvestre.
- Unidades de Uso Sustentável que visam compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parte de seus recursos naturais. São as Áreas de Proteção Ambiental (APA), Áreas de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), Florestas Nacionais (FLONAS), Reservas Extrativistas (RESEX), Reservas de Fauna, Reservas de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Nacional (RPPN).

Dentre as unidades de conservação, cumpre destacar a importância dos parques urbanos que desempenham um relevante papel na relação homem-natureza. A eliminação gradativa da cobertura vegetal nativa é uma das graves características do ecossistema urbano (Costa & Costa 1997), considerando que a vegetação constitui um importante indicador de qualidade ambiental por estar associado a todos os outros indicadores como a qualidade do ar, da água, dos solos, da flora e da fauna (Dias 2002).

Os parques urbanos podem ser considerados como unidades ecológicas que permitem manter o equilíbrio entre o desenvolvimento de uma cidade e as condições do meio ambiente. Sendo assim, é possível detectar nestes parques múltiplos usos de caráter social que atendem a interesses locais, proporcionando lazer à população e preservando o patrimônio biológico. Nesse caso, os principais objetivos destes são: propiciar lazer e recreação em ambiente natural; preservar a qualidade ambiental; e conciliar a proteção integral da fauna, da flora e das belezas naturais, com o uso para fins educacionais, recreativos e científicos. Ademais, as florestas urbanas, os parques e as reservas servem para atenuar os extremos da temperatura; reduzir o ruído e a poluição atmosférica; fornecer

habitat para aves e outros pequenos animais; e prevenir contra desastres naturais (Dias 2002).

Os espaços protegidos urbanos são áreas com alto potencial para fomentar a educação ambiental pelo fato de neles existirem elementos como a fauna e a flora que servem de apoio para o conhecimento de recursos naturais dentro da cidade.

Como exemplos de parques urbanos, podem ser citados o “Central Park” (Nova York), Parque Nacional da Tijuca (Rio de Janeiro) e o Parque do Ibirapuera (São Paulo) que se tornaram grandes pontos turísticos e importantes alvos para educação ambiental, pois recebem um número muito grande de visitas. Vale ressaltar ainda, que o Parque Nacional da Tijuca era um território degradado e sofreu um processo de reflorestamento que o transformou na maior floresta urbana do mundo (MMA 1999).

Segundo Ham & Enriquez (*apud* Faria 1997), as unidades de conservação são as únicas criações da sociedade moderna designadas para o benefício da humanidade como um todo.

## **1.2. Unidades de Conservação do Distrito Federal**

O Distrito Federal é uma unidade da federação situada no planalto central, na região Centro-Oeste e possui uma taxa de crescimento populacional de 2,6%, ao passo que no Brasil essa mesma taxa é de 1,3% (Ganem & Leal 2000). O território desta unidade da federação compreende apenas o município de Brasília, que está subdividido em 19 Regiões Administrativas (RA) que correspondem às cidades-satélites.

A área do Distrito Federal é de 5814 Km<sup>2</sup> e cerca de 42% dela está protegida ambientalmente. Atualmente no Distrito Federal existem 44 parques que recebem as denominações: ecológico; vivencial; ecológico e vivencial; recreativo; vivencial e recreativo; recreativo e ecológico; urbano; urbano e vivencial; ou simplesmente parque (Ganem & Leal 2000). Cada um deles possui área territorial que pode variar entre 0,28 a 532,24 hectares, onde seis correspondem às Regiões Administrativas de Taguatinga e Planaltina; cinco do Lago Sul; quatro do Plano Piloto e Sobradinho; três do Gama; dois da Ceilândia, Guará e Lago Norte; e um

de Brazlândia, Paranoá, Núcleo Bandeirante, Cruzeiro, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Recanto das Emas, Riacho Fundo e Candangolândia (Silva 2002).

Muitos desses parques situam-se em locais que já vinham sendo utilizados pela comunidade para atividades de lazer. Geralmente, nessas regiões ocorrem córregos, lagos e ou vegetação abundante consistindo em um atrativo para recreação ao ar livre.

As unidades de conservação do Distrito Federal têm como órgão gestor a “Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos” (SEMARH) que conta também com a ajuda da “Comissão de Implantação de Parques do Distrito Federal” (COMPARQUES).

O estado de conservação destes parques é variado, sendo alguns situados em locais onde a vegetação nativa está bem preservada, ao passo que outros apresentam um estado de degradação bastante avançado.

### **1.3. Importância da Educação Ambiental**

A atividade turística em ambientes naturais tem crescido bastante, contudo se ela não estiver baseada em um sistema que inclua a sustentabilidade, pode trazer impactos de natureza física, biológica e social, influenciando na própria satisfação do visitante. (Horwich *et al.* 1995). Os impactos físicos incluem a quantidade de lixo, esterilidade, compactação, erosão e drenagem do solo; os impactos biológicos constituem na perda ou desaparecimento de espécies, exposição de raízes de plantas, aumento na proporção de plantas exóticas e reprodução da vida selvagem; e os impactos sociais compreendem a diminuição da satisfação e conseqüente aumento das reclamações dos visitantes e quantidade de lixo na área (Faria & Lutgens 1997). Nesse caso, é de fundamental importância um plano de manejo para as unidades de conservação, seguido de um programa de educação ambiental que constitui uma ferramenta eficaz para o envolvimento e participação da população na proteção dos recursos naturais.

A Educação Ambiental permite ao indivíduo adquirir uma consciência ambientalista por meio de conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que o torne apto a resolver problemas ambientais presentes e futuros (Dias 1995). Em outras palavras, ela promove uma maior integração do turista

com o parque incentivando a conservação do meio ambiente e garantindo o bem estar das populações envolvidas.

Entretanto, um programa de educação ambiental deve apresentar planificação precisa, levando em conta as necessidades e realidades em que está inserido o público a que está dirigido. Para otimizar o tempo e assegurar a efetividade, se faz necessário o uso de avaliações (Indrusiak & Pádua 1997). Nesse sentido, o conhecimento dos frequentadores da unidade de conservação constitui um meio de avaliação para criação de programas educacionais.

É notório que um dos aspectos que dificulta a preservação numa unidade de conservação é a atividade de atendimento aos visitantes. Nesse caso, a capacitação do pessoal técnico e de apoio da administração das unidades de conservação deve ser reconhecida por proporcionar condições técnicas, práticas, pedagógicas e metodológicas relativas à temática ambiental, conservação e relação humanas, de forma dinâmica e contínua (Tabanez & Herculiani 1990). Ademais, o estudo de Tabanez *et al.* (1997) sobre o curso de educação ambiental para funcionários da “Estação Experimental de Assis” demonstrou evolução na postura e seriedade dos monitores para com o trabalho, aprimoramento dos conhecimentos e segurança para a transmissão de informações aos visitantes.

Embora, não exista uma diferença evidente entre visitante e turista, o público de uma unidade de conservação deve ser tratado como visitante, pois este deve compreender desde o início que está sujeito a condições, regras e parâmetros diferentes dos que se aplicam aos turistas tradicionais. Pois os administradores das UCs consideram aceitáveis somente as atividades condizentes com os objetivos da área (Takahashi 1997).

A necessidade de se conhecer o visitante de uma área protegida é fundamental para o bom direcionamento dos programas de educação ambiental. Torna-se ainda mais urgente a partir do momento que o público passa a trazer conseqüências maléficas aos recursos, ao administrador e aos demais usuários.

Durante algum tempo, fizeram-se estudos sobre a capacidade de carga das áreas protegidas, onde se buscava um número ótimo de visitantes para que uma área tolerasse enquanto fornecia qualidade sustentada de recreação por tempo determinado (Faria & Lutgens 1997). Entretanto, esse conceito de capacidade

física fracassou por se preocupar demais com a quantidade de visitantes, ao passo que os impactos negativos estão muito mais ligados ao comportamento dos visitantes que propriamente com o número de pessoas (Takahashi 1997).

## **2. Objetivos**

Este trabalho tem como objetivo geral descrever as características do público-visitante do parque Olhos D'Água e, como objetivos específicos, procurar identificar a percepção de diferentes tipos de público em relação à diversidade do parque, conhecer a opinião do público em relação ao parque e elaborar uma ferramenta de investigação padronizada para ser utilizada em outros parques ecológicos do DF.

## **3. Metodologia**

### **3.1. Área de estudo**

O estudo foi realizado no Parque Ecológico Olhos D'Água que ocupa um espaço de 21,24 hectares e está localizado na região que compreende as superquadras 413 e 414 e área comercial 414 e 415 da Asa Norte.

Toda a área do parque no sentido oeste/leste é atravessada por um córrego, cujo talvegue encontra-se geomorfologicamente definido na superquadra norte 413 e atravessa a via L1 devido a um manilhamento. A principal cabeceira do córrego situa-se na superquadra norte 212/213 e a outra cabeceira localiza-se na superquadra 414 e na área comercial norte 414/415, esta última dentro dos limites do parque. A nordeste do parque, próxima a superquadra 415, encontra-se a Lagoa do Sapo, que originalmente era local de fluxo natural das águas provenientes da nascente, porém em decorrência da via L2, foi feita uma barragem ocasionando um represamento da água que levou a sua formação. Sendo assim, a principal característica da área é a presença de nascentes dentro de seus limites. Segue em anexo o mapa do parque.

A Lei nº 265, que dispõe sobre a criação de Parques Ecológicos e de Uso Múltiplo do Distrito Federal, regulamentou a lei nº 556, de 07 de outubro de 1993, que definiu as duas superquadras e a área comercial para a ocupação do Parque Ecológico. Posteriormente, o Decreto Distrital nº 15.900, de 12 de setembro de

1994, autorizou, definitivamente, a criação do “Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D’Água”.

O Parque Olhos D’Água foi criado a partir dos anseios da comunidade próxima e antes de sua criação, a área abrigava a invasão denominada “Comunidade Mina D’Água”, formada por migrantes, principalmente nordestinos. Essa comunidade foi documentada em estudos de ecologia humana, realizados por Dias (1994), que ressaltam que a presença da mina d’água aliada a uma ótima vista panorâmica da região foram fatores importantes para instalação da comunidade, que começou com a chegada de uma única família, em 1962. A presença de pessoas marginalizadas no território do parque inspirava receio à comunidade e sua beleza, muitas vezes, era desprezada, dessa forma a instalação do parque foi importante para alterar a impressão que a vizinhança tinha da área. Esta afirmação é corroborada por Matos (2002) no estudo sobre apropriação e percepção da comunidade sobre o espaço de lazer Parque Olhos D’Água, onde 78% dos 50 entrevistados julgaram o parque perigoso ou abandonado.

Segundo relatos dos antigos moradores da área, a região possuía uma vegetação densa que foi sendo removida pelos invasores e substituída por espécies utilizadas na agricultura (Dias, 1994). Atualmente as principais espécies vegetais encontradas no parque são o pau-jacaré, embaúba, copaíba, barbatimão, pau-terra, angico e faveira. Apesar de descaracterizadas, algumas formas de vegetação nativa ainda são observadas na área, como: campo cerrado e mata mesofítica semi decídua e decídua.

O campo cerrado, forma de vegetação intermediária entre o cerrado *stricto sensu* e o campo sujo, encontra-se ao norte da entrada principal e ocupa a maior parte do parque. A mata mesofítica apresenta uma grande densidade, sendo que a área que encontra-se circundando o córrego apresenta um alto nível de degradação.

Em relação à fauna, os números mais significativos incluem répteis como jararaca, lagartixa preta, lagartixa de parede, calango verde, cobra de duas cabeças e lagarto ápode; mamíferos como gambá, preás e morcegos; anfíbios como sapos, pererecas e rãs; peixes como lambari, carpa e guppy; além de tartarugas e uma grande quantidade de aves e insetos. A avifauna é bastante diversificada devido à

proximidade do lago Paranoá, que oferece uma grande disponibilidade de recursos alimentares e a presença da mata mesofítica que fornece abrigo às aves (Matos 2002).

Atualmente, o parque encontra-se totalmente cercado sem nenhuma invasão. Para atender a população o parque conta com boa estrutura:

- três entradas, sendo uma principal em frente a L1, e outras duas nas laterais do parque;
- dois hidrantes nas extremidades da área para dar suporte ao Corpo de Bombeiros em caso de incêndio;
- uma pista de corrida e caminhada iluminada;
- trilhas ecológicas;
- uma ponte de 80m de extensão sobre a lagoa;
- três duchas frias para freqüentadores, sendo uma em frente à entrada principal e outras duas ao longo do percurso da pista de corrida e caminhada;
- dois banheiros (um masculino e um feminino) para atender aos visitantes;
- um parque infantil;
- um Centro Administrativo, onde se localiza a Polícia Florestal e a administração do parque;
- um Centro de Educação Ambiental com estrutura para exposições e palestras;
- o bosque dos ipês, local que abriga as mudas de plantas nativas do parque;
- placas educativas e de advertência.

Um encarregado e quatro funcionários são responsáveis pela manutenção do parque, além de quatro policiais florestais que trabalham na fiscalização 24h por dia.

A entrada do parque é gratuita e ele encontra-se aberto para visitação diariamente de 6h às 19h, permanecendo aberto até as 20h durante o verão.

### 3.2. Procedimento

A coleta de dados foi realizada no parque Olhos D'Água com a aplicação direta de questionários contendo perguntas abertas e fechadas. O questionário aplicado, que segue em anexo, contém 17 questões sobre diversos aspectos como: locais e horários de preferência dos visitantes; conhecimento da fauna e flora; e caracterização geral do público (escolaridade, idade, local onde mora, etc).

Foram entrevistadas 200 pessoas entre fevereiro e março de 2003, sendo 100 homens e 100 mulheres. Metade dos questionários foram aplicados de segunda a sexta-feira e a outra metade aos sábados e domingos (Tabela 1).

Tabela 1. Número de entrevistados por período do dia e dias da semana.

Período do dia	Entrevistados de segunda a sexta	Entrevistados de sábado e domingo	Total de entrevistados
Manhã	50	50	100
Tarde e início da noite	50	50	100
Total de entrevistados	100	100	200

Visando entrevistar pessoas que freqüentam o parque em horários e dias diferentes, os questionários foram aplicados também em diferentes horários durante as manhãs, tardes e início das noites.

Para que a pesquisa atingisse pessoas com diferentes interesses pelo parque, os entrevistados foram abordados em diversas áreas como, pista de corrida e caminhada, “circuito inteligente”, trilhas ecológicas, parquinho infantil, centro de educação ambiental e outros,. O “circuito inteligente” representa uma pequena área com barras para flexões, abdominais e alongamentos e as “trilhas ecológicas” são calçamentos de pedra dentro de todo o parque, inclusive da mata.

## 4. Resultados

### 4.1. Perfil do visitante

As 200 pessoas entrevistadas, de uma maneira geral, foram bastante receptivas, se mostrando dispostas a responder as perguntas do questionário e, inclusive, duas pessoas abordaram o pesquisador apresentando interesse em participar da pesquisa. Metade dos entrevistados é de homens e a outra metade, mulheres, e a idade das pessoas variou entre 15 e mais de 50 anos, sendo que os grupos mais representados são de pessoas com idade entre 20 e 30 anos (24%) e 40 e 50 anos (24%), seguido pelo grupo de pessoas de 30 a 40 anos (21%), pessoas com mais de 50 anos (18%) e os que tinham entre 15 e 20 anos (13%).

Verificou-se um alto nível de escolaridade, sendo que a maioria possuía curso superior e não houve nenhum entrevistado sem instrução ou com 1º grau incompleto, conforme a tabela 2.

Tabela 2. Grau de escolaridade dos entrevistados.

Grau de instrução	Número de pessoas	Frequência (%)
Superior	140	70
2º grau completo	51	25,5
2º grau incompleto	05	2,5
1º grau completo	04	2
Total	200	100

De acordo com a administradora do parque, Élia Batista, o local recebe em média de 500 a 800 visitantes por dia. As respostas dos questionários demonstraram que 29% dos usuários entrevistados vão ao parque mais de três vezes por semana, 27% duas vezes por semana, 20,5% três vezes por semana e 23,5% foi entrevistada em sua primeira visita, ou vão ao parque uma vez por semana ou raramente. Verificou-se ainda que 46% destas pessoas vão ao parque de segunda a sexta; 37% vão aos fins de semana e durante a semana; e somente 17% vão apenas aos fins de semana.

A maioria dos entrevistados mora nas redondezas, de forma que a maior parte vai a pé ao parque, alguns ora vão a pé e ora vão de carro, outros vão apenas de carro e poucos de bicicleta ou ônibus, como mostra a Tabela 3 e a Figura 2.

Tabela 3. Número de visitantes por cidade ou local onde moram.

Local onde moram os visitantes	Nº de pessoas	Frequência (%)
SQN 214	14	7
SQN 216	12	6
Lago Norte	12	6
SQN 415	10	5
SQN 215	09	4,5%
SQN 212	08	4%
SQN 211	08	4
SQN 210	07	3,5
SQN 315	07	3,5
SQN 311	07	3,5
SQN 416	07	3,5
SQN 412	07	3,5
SQN 411	06	3
SQN 113	05	2,5
SQN 116	05	2,5
SQN 209	05	2,5
SQN 314	05	2,5
SQN 315	05	2,5
SQN 115	04	2
SQN 208	04	2
SQN 310	04	2
SQN 309	03	1
SQN 312	03	1
SQN 313	03	1
SQN 408	03	1
SQN 111	02	1
SQN 112	02	1
SQN 202	02	1
SQN 205	02	1
SQN 206	02	1
SQN 308	02	1
SQN 405	02	1
SQN 409	02	1
SQN 410	02	1
SQN 715	02	1
Colina	02	1
SQN 110	01	0,5
SQN 114	01	0,5
SQN 203	01	0,5
SQN 205	01	0,5

SQN 213	01	0,5
SQN 304	01	0,5
SQN 307	01	0,5
SQN 407	01	0,5
SQN 714	01	0,5
SQN 716	01	0,5
SQS 302	01	0,5
SQS 303	01	0,5
Granja do Torto	01	0,5
Condomínio no Colorado	01	0,5
Sobradinho	01	0,5
<b>Total</b>	<b>200</b>	<b>100</b>

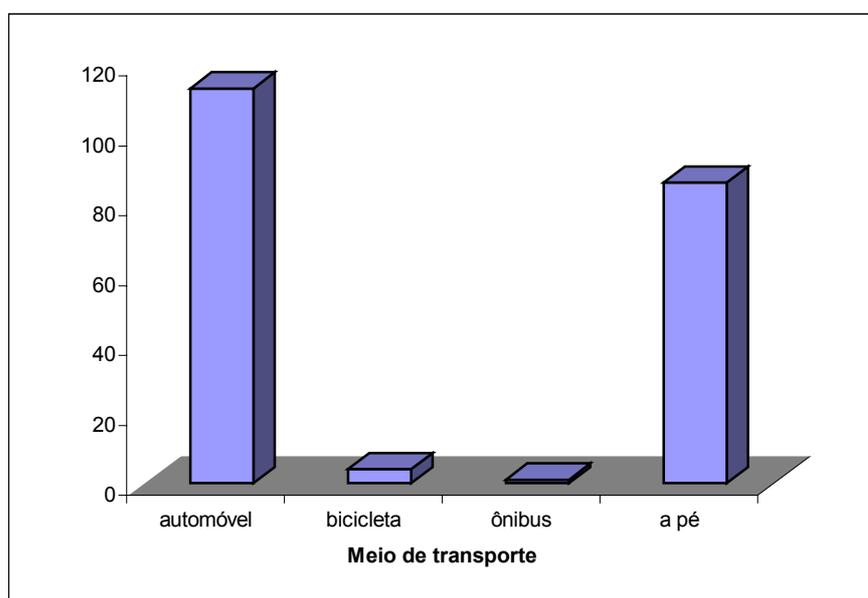


Figura 2. Número de pessoas por meio de transporte que utilizam para ir ao parque (N = 203)

Em relação à preferência de horários, 32,5% dos entrevistados freqüentam o parque no início da manhã, 25% no final da tarde, 21,5% não tem horário preferencial, 13% da metade da manhã em diante, de maneira que ao meio dia e início da tarde o parque é menos visitado, recebendo o equivalente a 8% dos entrevistados.

Dos usuários submetidos à pesquisa, 57,5% permanecem durante uma hora no parque, 29,5% ficam 2 horas e o restante passam 30 minutos ou mais de 2 horas. Além disso, 100% dos entrevistados responderam que se sentem muito

satisfeitos ou satisfeitos ao visitar o parque, portanto nenhum dos entrevistados acha que a visita ao parque é indiferente ou insatisfatória.

Muitos dos visitantes praticam mais de uma atividade no parque e as respostas da pesquisa mostraram que a mais recorrente é a caminhada. Além de andar, correr e passear para ter mais contato com a natureza o público ainda acrescentou ao questionário o alongamento e as atividades de musculação desenvolvidas no “circuito inteligente” e mais o passeio no parquinho infantil. As atividades no “circuito inteligente” ou o alongamento são seguidos da corrida ou caminhada, porém nem todas as pessoas que vêm correr ou caminhar necessariamente praticam estes exercícios (Tab. 4).

Tabela 4. Atividades desenvolvidas no parque pelo público visitante (N = 259).

Atividades	SS*/manhã	SS*/tarde	SD°/manhã	SD°/tarde	Total	%
Andar	25	34	37	19	115	44,4
Correr	17	14	14	14	59	22,8
Passear	14	07	04	15	40	15,4
Circuito	06	02	07	06	21	8,1
Alongamento	04	03	04	07	18	6,9
Parquinho	02	-	-	04	06	2,3

\* SS = Segunda a sexta

° SD = Sábado e domingo

#### 4.2. Preferências e conhecimento dos visitantes

Os locais que os visitantes mais gostam estão representados na tabela 5, sendo que a ponte da Lagoa do Sapo foi a mais citada e alguns entrevistados indicaram dois e até três locais. As pessoas que citaram mata fechada se referiram ao caminho da trilha ecológica que passa por dentro da mata de galeria; os bancos embaixo dos eucaliptos referem-se a um espaço com sombra; a ladeira arborizada encontra-se na região do parque que faz divisa com a superquadra 415/N; e o morro é um monte gramado que se encontra em frente ao centro de educação ambiental.

Tabela 5. Locais de preferência das pessoas entrevistadas (N = 256).

Local	Nº de indicações	Frequência (%)
Ponte da Lagoa do Sapo	58	22,6
Pista de corrida e caminhada	35	13,7
Mata fechada	29	11,3
Trilhas ecológicas	24	9,4
Circuito inteligente	20	7,8
Parque inteiro	19	7,4
Parquinho infantil	14	5,5
Ladeira arborizada	13	5,1
Banco dos eucaliptos	12	4,7
Ponte do talvegue	05	1,9
Ladeiras	05	1,9
Centro de Educação Ambiental	04	1,6
Morro	02	0,8
Bancos (locais para sentar)	01	0,4
Ducha	01	0,4
Nascente	01	0,4
Embaixo da ponte da Lagoa	01	0,4
Trilhas sem calçamento	01	0,4
Não responderam	11	4,3

O conhecimento que os visitantes têm da fauna e flora do parque foi avaliado através da quantidade de animais e plantas observados, sendo que a quantidade de animais citados foi maior que a de plantas, onde entre os animais destacaram-se os peixes, seguidos da tartaruga e, entre as plantas, o ipê. (Tab. 6 e Tab. 7). Muitas pessoas citaram aves ou pássaros, mas por se tratar de um grupo com uma ampla variedade de subgrupos, esse item foi considerado irrelevante.

Tabela 6. Plantas observadas pelos visitantes entrevistados do parque (N = 326).

Plantas	Nº de plantas	Frequência (%)
Ipê	121	37,1
Eucalipto	31	9,5
Mangueira	27	8,3
Angico	18	5,5
Lobeira	12	3,7
Barbatimão	09	2,8
Palmeira	08	2,4
Cagaita	07	2,1
Pata de vaca	06	1,8
Aroeira	05	1,5
Faveira	05	1,5
Goiabeira	03	0,9
Cajueiro	03	0,9
Jaqueira	02	0,6
Coqueiro	02	0,6
Pequizeiro	02	0,6
Pau-terra	02	0,6
São gonçálinho	01	0,3
Capim gordura	01	0,3
Imbiriçu	01	0,3
Castanholeira	01	0,3
Dipiruma (acácia)	01	0,3
Caliandra (flor)	01	0,3
Bananeira	01	0,3
Pinha	01	0,3
Jacarandá	01	0,3
Não responderam	54	16,6

Tabela 7. Animais observados pelos visitantes entrevistados do parque (N = 415).

Animais	Nº de animais	Frequência (%)
Tartaruga	92	22,2
Lagarto	48	11,6
Cobra	13	3,1
Preá	09	2,2
Sapo	05	1,2
Coruja	05	1,2
Morcego	05	1,2
Borboleta	04	1
Gavião	02	0,5
Gato	02	0,5
Sabiá	02	0,5
Pequenos roedores	02	0,5
Cigarra	02	0,5
Bem-te-vi	02	0,5
Tiziu	02	0,5
Rolinha	01	0,2
Garça	01	0,2
Anu	01	0,2
Corvo	01	0,2
Casaca-de-couro	01	0,2
Pica-pau	01	0,2
Jabuti	01	0,2
Cágado	01	0,2
Jacaré	01	0,2
Mico	01	0,2
Abelha	01	0,2
Libélula	01	0,2
Lacraia	01	0,2
Tatu	01	0,2
Gambá	01	0,2
Piolho de cobra	01	0,2
Tilápia	01	0,2
Cachorro	01	0,2
Outros*	176	42,4
Não responderam	26	6,3

\*Outros: peixes, aves e insetos

O questionário também investigou quais outros parques ecológicos do DF os entrevistados haviam ouvido falar, nesse caso grande parte deles mencionou o parque da cidade (Parque Sarah Kubistchek) que não é um parque ecológico e sim de lazer. Outras pessoas não sabiam o nome exato de alguns parques, então faziam referência quanto à sua localidade. Entretanto, alguns deles localizam-se

em regiões administrativas que comportam mais de um parque assim, não foi possível determinar qual exatamente o entrevistado se referia. Como ocorreu com os seguintes parques:

Parque do Guará, pode ser:

- Ecológico e Vivencial Denner;
- Ecológico e Vivencial Bosque dos Eucaliptos; ou
- Ecológico Ezechias Heringer.

Parque de Sobradinho, pode ser:

- Ecológico e Vivencial de Sobradinho;
- Recreativo Ecológico Canela de Ema
- Recreativo Sobradinho II; ou
- dos Jequitibás.

Parque do Lago Sul, pode ser:

- Ecológico Dom Bosco;
- Vivencial do Anfiteatro Natural do Lago Sul;
- Ecológico Garça Branca;
- Ecológico Canjerana; ou
- Ecológico e de Uso Múltiplo das Copaíbas.

Parque do Gama, pode ser:

- Urbano e Vivencial do Gama;
- Ecológico e de Uso Múltiplo Ponte Alta do Gama; ou
- Recreativo do Gama.

Parque de Taguatinga, pode ser:

- do Cortado;
- Ecológico e de Uso Múltiplo Águas Claras;
- Ecológico Irmão Afonso Haus;
- Ecológico e de Uso Múltiplo Saburo Onoyama;
- Areal; ou
- Boca da Mata.

Ainda vale acrescentar que o Parque Ecológico e Vivencial Vila Varjão foi referido as duas vezes como parque do lago norte. A Fercal refere-se a uma cachoeira localizada numa área protegida, situada próxima a uma fábrica de

cimento chamada Fercal. O parque do Ibama não foi possível identificar se era o espaço ocupado pelo Ibama que é cercado e bastante arborizado ou o próprio Parque Nacional de Brasília. Por fim, a Trilha das Araras e o Morro dos Macacos não se encontram no Distrito Federal, mas no estado de Goiás (Tabela 8).

Tabela 8. Parques do DF mencionados pelos visitantes (N = 391).

Parques	Nº de ocorrência	Frequência (%)
Parque Nacional de Brasília	97	24,8
Parque Sarah Kubistchek	93	23,8
Jardim Botânico	47	12,0
Estação Ecológica Águas Emendadas	27	6,9
Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Águas Claras	22	5,6
Jardim Zoológico	16	4,1
Parque do Guará	12	3,1
Parque de Sobradinho	10	2,5
Parque Ecológico Dom Bosco	09	2,3
Chapada Imperial	07	1,8
Parque do Lago Sul	06	1,5
Parque do Gama	03	0,8
Parque Ecológico e Vivencial da Vila Varjão	02	0,5
Parque Ecológico Burle Max	02	0,5
Reserva Ecológica do IBGE	02	0,5
Parque de Taguatinga	01	0,2
Parque Pequizeiros	01	0,2
Parque do Ibama	01	0,2
Fazenda da Água Limpa (UnB)	01	0,2
Outros*	16	4,1
Não responderam	16	4,1

\*Outros: Cachoeira do Tororó, Poço Azul, Fercal, Trilhas das Araras e Morro dos Macacos

Por último, a tabela 9 e a tabela 10 correlacionam as pessoas que frequentam o parque para exercitar-se (correr, caminhar e “circuito inteligente”), lazer (andar, brincar, conhecer) e passear para ter mais contato com a natureza com o número de plantas e animais observados por elas. Considerando as proporções, apesar dos usuários que praticam esportes frequentarem o parque mais vezes por semana, eles observam uma quantidade menor de animais e plantas que os usuários interessados em passear e ter mais contato com a natureza.

Tabela 9. Atividade praticada e número de plantas observadas.

Atividade	Número de plantas observadas				Total
	0	1	2	≥ 3	
Exercitar-se	24	51	21	16	112
Lazer	22	16	05	08	51
Passear	07	13	05	12	37

Tabela 10. Atividade praticada e número de animais observados.

Atividade	Número de animais observados				Total
	0	1	2	≥ 3	
Exercitar-se	35	25	31	21	112
Lazer	09	09	20	13	51
Passear	08	06	12	11	37

### 4.3. Opinião e sugestão

No sentido de avaliar a opinião do público em relação a principal função desta área protegida, além das respostas predeterminadas nos questionários, ainda foram sugeridas, pelos entrevistados, outras alternativas como área de lazer para população, proporcionar qualidade de vida, proporcionar bem estar à comunidade, viabilizar educação ambiental, local para socialização de crianças, despertar consciência ecológica e melhorar relações humanas e sociais. A maioria dos entrevistados apontou duas ou mais funções principais o que determinou uma amostra acima de 200 (Tab. 11).

Tabela 11. Opinião do público em relação a principal função do parque (N = 354).

Função do parque	Ocorrência	Frequência (%)
Preservação de áreas naturais para gerações futuras	107	30,2
Prática de atividades físicas	88	24,8
Facilitar o contato das pessoas com a natureza	54	15,2
Proteger nascentes de água	49	13,8
Área de lazer para população	18	5,1
Preservar a qualidade do ar	17	4,8
Proporcionar qualidade de vida	10	2,8
Evitar extinção de animais e plantas	06	1,7
Despertar consciência ecológica	03	0,8
Local para melhorar relações humanas e sociais	02	0,6

As sugestões do público para melhoria do parque ou do atendimento ao visitante se apresentam na tabela 12 separadamente em estruturais, administrativas e ações ambientais. Apesar de grande parte das pessoas não fornecer nenhuma sugestão, outras proferiram muitas tornando a amostra maior que o número de entrevistas.

Tabela 12. Sugestões das pessoas para melhorar o atendimento ao visitante ou o parque (N = 259).

Sugestão	Ocorrência	%
<b>Estruturais</b>		
Melhorar o parquinho infantil	16	6,2
Colocar mais bebedouros ao longo da pista	12	4,6
Aumentar o estacionamento	12	4,6
Mais bancos ao longo da pista	08	3,1
Ciclovía para bicicletas	05	1,9
Aumentar o número de banheiros	02	0,8
Ampliar circuito	02	0,8
Piscina	02	0,8
Dividir a pista para passeio e corrida	01	0,4
Fazer portões em frente a L2 norte	01	0,4
Guarda-volumes	01	0,4
Colocar corrimões para idosos ao longo da pista	01	0,4
Colocar papel higiênico no banheiro	01	0,4
<b>Administrativas</b>		
Mais iluminação ao escurecer	25	9,6
Abrir portões laterais no mesmo horário do principal	15	5,8
Mais duchas funcionando	11	4,3
Quiosques vendendo água e produtos naturais (sanduíche, suco)	10	3,9
Fechar mais tarde	07	2,7
Mais atenção da administração	05	1,9
Limpar mais vezes os banheiros	02	0,8
Disponibilizar instrutor de educação física p/ auxiliar as pessoas que estão praticando atividades físicas	02	0,8
Continuar proibindo entrada de bicicletas	01	0,4
Autorizar entrada de bicicleta	01	0,4
Autorizar entrada de cachorros	01	0,4
Atividades p/ aproximar as pessoas que frequentam o parque	01	0,4
Reforçar a segurança	01	0,4
Não permitir quiosques de vendas	01	0,4
<b>Ações ambientais</b>		
Educação ambiental para os visitantes	18	6,9
Proteger a nascente	05	1,9
Plantar mais árvores	05	1,9
Identificar as plantas que existem no parque	03	1,1
Anfiteatro para eventos culturais	02	0,8
Não deixar o lixo nos tambores por muito tempo	02	0,8
Ministrar cursos de paisagismo e reflorestamento	01	0,4
Supervisionar o visitante para ele não dar alimento aos animais	01	0,4
Não responderam	75	28,9

## 5. Discussão

O questionário revelou que o parque é freqüentado por pessoas de idades variadas, desde crianças até idosos, em proporções parecidas demonstrando o interesse de diferentes grupos pelo parque.

Dados como o local de moradia, o meio de transporte que o freqüentador utiliza para ir ao parque e o nível de escolaridade indicaram que o público possui condições sociais, educacionais e econômicas que lhes permitem um acesso mais fácil à informação, quando comparado àquele de baixa renda ou baixo nível escolar. Portanto, era de se esperar uma certa maturidade em relação às questões ambientais (Oliveira *et al.* 1997), que pode ser constatada em parte pelas sugestões do público para melhoria do parque. De fato, sugestões como não permitir quiosques de venda, não permitir a entrada de cachorros e àquelas classificadas como ações ambientais constituem uma preocupação do usuário em relação à área protegida considerando suas limitações de uso. Sem contar que é uma iniciativa válida em defesa do meio ambiente. Entretanto, outras sugestões em menor número, questionam a maturidade ambiental das pessoas entrevistadas. Permitir a entrada de cachorros é a pior de todas as sugestões visto que poderia alterar o equilíbrio ecológico do parque. Não obstante, fechar o parque mais tarde causariam transtorno na dinâmica do parque pois ali existem animais com atividade noturna que poderiam ter sua conduta alterada em função das luzes ou do movimento de pessoas. Além disso, criar quiosques de venda de água e produtos naturais importa no aumento de lixo dentro dos limites do parque.

A maioria dos usuários deste parque freqüenta o local mais de três vezes por semana ou duas vezes por semana indicando um alto grau de interação do público com a área. Nesse sentido, o nível de freqüência de cada um pode mostrar a importância que cada indivíduo dá ao lugar e daí surgir uma maior preocupação com a preservação e conservação da área.

A maioria das pessoas permanece apenas uma hora no parque. Embora um grande número de usuários procure o parque para a prática de atividades físicas ao ar livre e em contato com a natureza, é provável que, paradoxalmente, em função da correria do dia-a-dia das cidades essas pessoas não têm a oportunidade de despenderem muito tempo de seu dia.

A análise da atividade do público visitante em relação aos dias e horários mostrou que o público do dia de semana e fim de semana à tarde tem interesses bastante diferentes pelo parque. Dessa forma, proporcionalmente, os visitantes de sábado e domingo a tarde procuram um maior contato com a natureza talvez a fim de fugir do ambiente urbano a que estão inseridos durante a semana.

Os horários menos visitados do parque foram o meio dia e início da tarde, fato que pode ser explicado, pois em se tratando de um parque urbano, amplamente visitado, principalmente para prática de atividades físicas, esses horários são bastante inconvenientes em função do tempo quente e menos propício a prática de esportes.

Neste trabalho averiguou-se que o local de preferência mais indicado pelos usuários do parque foi a ponte da Lagoa do Sapo devido a sua beleza cênica, na medida que paisagens verdes, montanhosas ou relacionadas a cursos d'água constituem um atrativo com maior aceitação pelo público em geral. Este resultado é um reflexo da maior parte das pessoas que freqüentam o parque serem praticantes de atividades físicas, visto que a ponte da lagoa faz parte da pista de corrida e caminhada e todos eles passam por ali, assim como a mata fechada foi mais citada por pessoas que procuram o parque para estreitar sua relação com a natureza. O tipo de comportamento e as relações que o usuário tem com o parque estão intimamente relacionadas com suas preferências cênicas (DeLucio & Múgica 1994). Para retificar, as pessoas que gostam das subidas ou descidas das ladeiras também freqüentam o parque para praticar exercícios e essa preferência está claramente relacionada com a atividade que desempenha no parque.

Muitos animais e plantas foram observados pelos entrevistados e o número de animais citados foi maior que o de plantas. Por outro lado, a diversidade de plantas pode ser maior, já que os animais são referidos de maneira genérica, quase sempre identificados através de grupos, ao passo que as plantas são apontadas de forma mais específica. Essa afirmação pode ser comprovada pelos inúmeros lagartos, peixes e pequenos mamíferos que foram citados como animais mesmo fazendo parte de grandes grupos. Um estudo realizado no Zoológico de Brasília por Bizerril & Andrade (1999) comparando o conhecimento da população urbana da fauna brasileira e de animais exóticos inferiu que a fauna brasileira é menos

conhecida pelo fato da mídia explorar mais a fauna exótica em documentários, desenhos animados, etc.

As correlações entre atividades praticadas pelos usuários no parque e o número de plantas e animais por eles observados, leva a crer que as pessoas que utilizam o parque para exercitar-se e lazer notam um número menor de plantas e animais que àqueles que vão passear e ter mais contato com a natureza.

Verificou-se uma alta variedade de parques ecológicos conhecidos pelos visitantes. Muito embora Brasília possua uma grande quantidade de áreas protegidas, os parques mais mencionados foram o Parque Nacional de Brasília, o Parque Sarah Kubistcheck e o Jardim Botânico que já possuem uma certa publicidade e notoriedade em relação aos outros. Percebeu-se ainda que os outros parques citados, em sua maioria, eram conhecidos por se localizarem em regiões próximas àquelas que os entrevistados freqüentam. A falta de estrutura e divulgação da maioria dos parques urbanos do DF pode estar relacionada ao baixo reconhecimento da população.

De uma maneira geral, todas as funções enunciadas pelos usuários fazem parte daquelas determinadas pelo Decreto que criou esta área de conservação, porém algumas foram mais recorrentes que outras. A prática de atividades físicas foi bastante apontada na pesquisa, mas não constitui uma função direta do parque. Entretanto, as sugestões dos visitantes também contribuem para avaliação do conhecimento que o público têm das funções do parque, sendo que muitas delas reafirmam as funções do parque. Essas considerações demonstram novamente o alto nível de escolaridade, acesso a informações e consciência ecológica do freqüentador da área.

## **6. Considerações finais**

O levantamento do tipo de uso e das características do visitante do Parque Ecológico Olhos D'Água demonstrou que ele é formado basicamente por pessoas com alto nível de escolaridade e consciência ambiental, o que facilitaria a implantação de um programa de educação ambiental.

Além disso, a assídua frequência da maioria dos visitantes sugere um alto grau de interação deles com a área e conseqüente interesse em conhecer mais sobre fauna e flora do local. Assim, informações sobre os animais, os tipos de vegetação e as espécies de plantas da área poderiam ser apresentadas em placas no decorrer do percurso da pista de caminhada e das trilhas ecológicas.

Outras informações ambientais, principalmente, acerca das funções do parque também poderiam ser registradas de forma visível ao público que despertariam mais empenho na preservação da área.

Por fim, a metodologia adotada mostrou-se eficaz, prática e barata podendo, portanto, servir de ferramenta para estudos futuros em outros parques ecológicos de uso múltiplo ou parques urbanos.

## 7. Referências Bibliográficas

Bizerril, M. X. A. & Andrade, T. C. S. Knowledge of the urban population about fauna: Comparison between Brazilian and exotic animals. *Ciência e Cultura: Journal of the Brazilian Association for the Advancement of Science SBPC*. São Paulo, v. 51, n. 1, p. 38-41. 1999.

Costa, N. M. C. da & Costa, V. C. da. Uso de Sistemas Geográficos de Informações (SGI's) na Realização de Planos de Manejo de Unidades de Conservação. In: Anais do Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Vol II. Trabalhos Técnicos. Curitiba: IAP; UNILIVRE. 1997. p. 207-218

DeLucio, José V.; Múgica, M. Landscape preferences and behaviour of visitors to Spanish national parks. *Landscape and Urban Planning*, Elsevier, v. 29, p. 145-160. 1994.

Dias, G. F. Populações Marginais em Ecossistemas Urbanos, Brasília: IBAMA, 2ª edição, 1994. 156p

Dias, G. F. Educação ambiental, co-gestão e sustentabilidade no Parque Nacional de Brasília. *Universa*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 375-393. 1995.

Dias, G. F. Pegada ecológica e sustentabilidade humana. São Paulo: Gaia, 2002. 257p

Faria, H. H. Avaliação da efetividade do manejo de unidades de conservação: como proceder? In: Anais do Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Vol I. Trabalhos Técnicos. Curitiba: IAP; UNILIVRE. 1997. p. 479-499

Faria, H. H. de & Lutgens H. D. Estudo de Capacidade de Carga Turística de uma Área de Recreação da Estação Experimental e Ecológica de Itirapina, São Paulo. In: Anais do Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Vol II. Trabalhos Técnicos. Curitiba: IAP; UNILIVRE. 1997. p. 320-332

Ganem, R. S. & Leal, Z. de M. 2000. Parques do Distrito Federal. Brasília – DF. p.

Gastal, M. L. Os instrumentos para a conservação da biodiversidade. In: Nurit Bensusan (org.). *Seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade como, para que, por quê* Brasília: Editora UnB, 2002. p. 29-41

Horwich R. H.; Murray, D.; Saqui, E. O ecoturismo e o desenvolvimento da comunidade: A experiência de Belize. In: Lindberg K. & Hawkins, D. E. (eds). *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. São Paulo: Senac, 1995. p. 259-284

Indrusiak, C. B. & Pádua, S. M. Levantamento do Perfil dos Diferentes Grupos Relacionados ao Parque Estadual do Turvo, RS. In: Pádua, S. M. & Tabanez, M. F. (orgs). *Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), 1997. p. 103-117

Lima, A. Instrumentos para conservação da diversidade biológica: o Zoneamento Ecológico-Econômico, as Unidades de Conservação, o Código Florestal e o Sistema de Recursos Hídricos. In: Nurit Bensusan (org.). *Seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade como, para que, por quê* Brasília: Editora UnB, 2002.p. 43-54

Ministério do Meio Ambiente, MMA. PubliFolha. 1999. Parques Nacionais do Brasil. Guia Philipis. Empresa das Artes.

Ministério do Meio Ambiente, MMA/SBF. Biodiversidade Brasileira Avaliação e Identificação de áreas e Ações Prioritárias para Conservação, Utilização Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade nos Biomas Brasileiros. Brasília: 2002. 404p

Matos, F. L. L. C. C. A apropriação e percepção da comunidade sobre o espaço de lazer Parque Ecológico Olhos D'Água. Monografia apresentada ao Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2002. 65p

Oliveira, K. L. de; Carrilo, A. C.; Schlenker, H. F. & Carvalho, L. C. M. de. Programa de Comunicação e Manejo Ecoturístico na Estrada da Graciosa, PR. In: Anais do Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Vol II. Trabalhos Técnicos. Curitiba: IAP; UNILIVRE. 1997. p. 345-357

Silva, L. do N. Valoração do parques de Brasília: o caso do Parque Olhos D'Água. Monografia apresentada a Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Unificado de Brasília, Brasília – DF, 2002. 31p

Tabanez, M. F. & Herculiani, S. 1990. Lazer e Educação Ambiental em Florestas do Estado de São Paulo. In: Congresso Florestal Brasileiro, Campos de Jordão – SP, set, 22 a 27. Anais do 6º Congresso Florestal Brasileiro, 1: 64-69

Tabanez, M. F.; Cardoso, M. M.; Vargas, J. P. L.; Moraes, L. A. de & Contieri, W. A. Curso de Educação Ambiental para Funcionários da Estação Experimental de Assis. In: Anais do Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Vol II. Trabalhos Técnicos. Curitiba: IAP; UNILIVRE. 1997b. p. 378-390

Takahashi, Leide Y. Limite Aceitável de Câmbio (LAC): Manejando e Monitorando Visitantes. In: Anais do Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Vol I. Trabalhos Técnicos. Curitiba: IAP; UNILIVRE. 1997. p. 445-464

## Anexo

Mapa ilustrativo do parque



Arte: Anderson Araújo

Fonte: Correio Braziliense

## Anexo

Questionário para traçar o perfil do público visitante do Parque visando fornecer subsídios para ações futuras no Parque

1. Com que frequência vem ao Parque?
  - a. Primeira vez
  - b. 1 vez por semana
  - c. 2 vezes por semana
  - d. 3 vezes por semana
  - e. mais de 3 vezes por semana
  
2. Quais dias preferencialmente?
  - a. segunda à sexta feira
  - b. fim de semana
  - c. ambos
  
3. Quais horários preferencialmente?
  - a. início da manhã
  - b. metade da manhã em diante
  - c. meio dia
  - d. início da tarde
  - e. final da tarde
  - f. sem horário preferencial
  
4. Que atividade desenvolve no Parque?
  - a. andar
  - b. correr
  - c. passear e ter mais contato com a natureza
  - d. outros
  
5. Qual meio de transporte usa ao vir ao parque?
  - a. a pé
  - b. bicicleta
  - c. ônibus
  - d. automóvel
  
6. Sexo:
  - a. masculino
  - b. feminino
  
7. Quanto tempo passa no parque?
  - a. 30 minutos
  - b. ½ hora à 1 hora
  - c. 1 hora à 2 horas
  - d. mais de 2 horas

8. Qual (is) os locais que você mais gosta do Parque? Porquê?
9. Qual sua idade?
  - a. entre 15 e 20 anos
  - b. entre 20 e 30 anos
  - c. entre 30 e 40 anos
  - d. entre 40 e 50 anos
  - e. mais de 50 anos
10. Como se sente ao visitar o Parque?
  - a. muito satisfeito
  - b. satisfeito
  - c. indiferente
  - d. insatisfeito
11. Que outros parques ecológicos do DF você já ouviu falar?
12. Qual a sua formação?
  - a. Sem instrução
  - b. 1º grau incompleto
  - c. 1º grau completo
  - d. 2º grau incompleto
  - e. 2º grau completo
  - f. Superior
13. Você pode citar alguns nomes de plantas que observou?
14. Você viu algum animal? Pode citar o nome de alguns animais observados?
15. Onde mora? (cidade ou quadra)
16. Para você qual a principal importância deste parque?
  - a. para facilitar o contato das pessoas com a natureza
  - b. para evitar a extinção de animais e plantas
  - c. para preservação de áreas naturais para gerações futuras
  - d. para preservar a qualidade do ar
  - e. para proteger nascentes (de água)
  - f. para a população conhecer mais sobre a natureza
  - g. para a prática de atividades físicas
17. Gostaria de fazer alguma sugestão de algo que poderia melhorar o parque ou o atendimento ao visitante?

Obrigado pela colaboração!